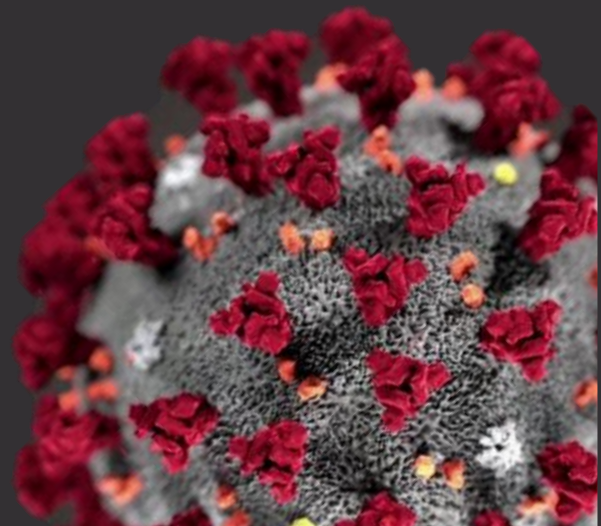


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – SUBTE, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de COVID-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

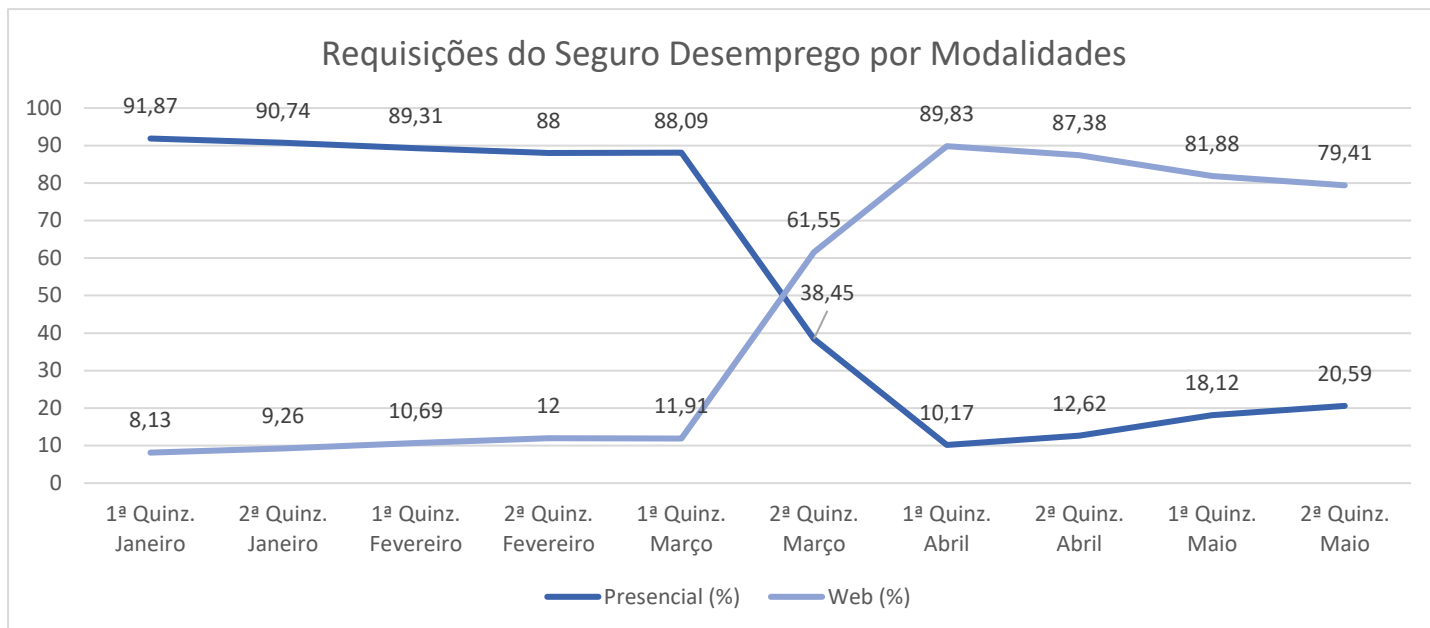
- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Resultados PNAD COVID-19;
- Projeção do PIB Estadual;
- Impactos da pandemia sobre as startups;
- Situação do empreendedorismo;
- Resultados da Pesquisa Mensal de Serviços e Comércio.

SEGURO DESEMPREGO

Requisições do benefício em Minas Gerais apresentam ligeiro decréscimo na segunda quinzena de maio

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da COVID-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego, no Estado de Minas Gerais, na segunda quinzena de maio, apresentou ligeiro decréscimo se comparado à primeira quinzena, com queda de 5,42%. Apesar da redução, o mês de maio contabilizou 103.329 solicitações do Seguro Desemprego, número este que supera em 20,12% o acumulado do mês de abril. Se comparado com o mesmo período de 2019, esse crescimento foi ainda maior – 48,66%. Tal aumento na série mensal pode sinalizar para uma possível retomada no fluxo de demissões, haja vista as dificuldades financeiras dos empregadores para manter os custos com a folha de pagamento diante da perpetuação do isolamento social e, conseqüentemente, do baixo faturamento.

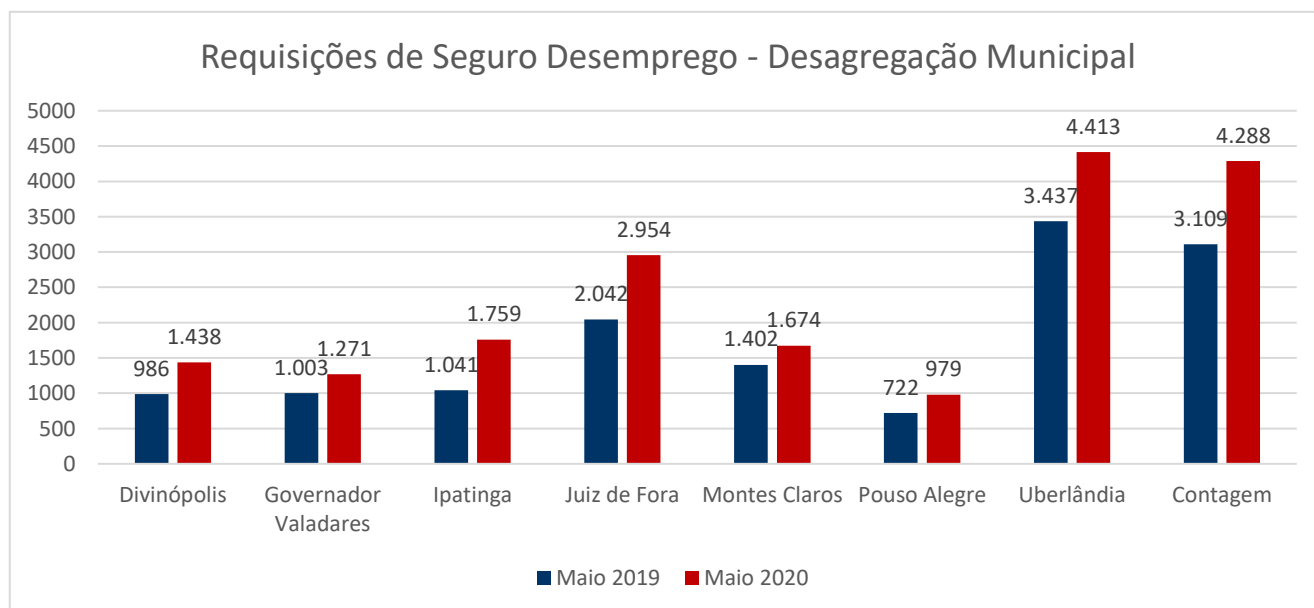
Também é importante ressaltar que, dentre as solicitações realizadas em Minas Gerais, 80,7%, ou seja, 83.366 foram feitas pelos canais digitais. No entanto, apesar da alta proporção em relação aos serviços presenciais, o número de requerimentos Web teve queda de 7,6 pontos percentuais na comparação com o mês imediatamente anterior, situação que pode estar atrelada à reabertura de algumas unidades do Sine/UAI no estado.



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Em relação ao perfil de requerentes em Minas Gerais, existe prevalência entre o público masculino (58,93%) e adultos com faixa etária entre 30 a 39 anos. Dentre os segmentos econômicos mais demandantes do benefício em virtude de um aumento do fluxo de demissões está o setor de serviços (42%), seguido do comércio (25,84%) e da indústria (20,51%).

A partir de uma análise regionalizada do Estado de Minas Gerais, é possível diagnosticar que a capital concentra o maior número de requisições do Seguro Desemprego, totalizando 11.208 benefícios. O gráfico abaixo apresenta a distribuição das solicitações contabilizadas no mês de maio em alguns dos principais municípios do estado:



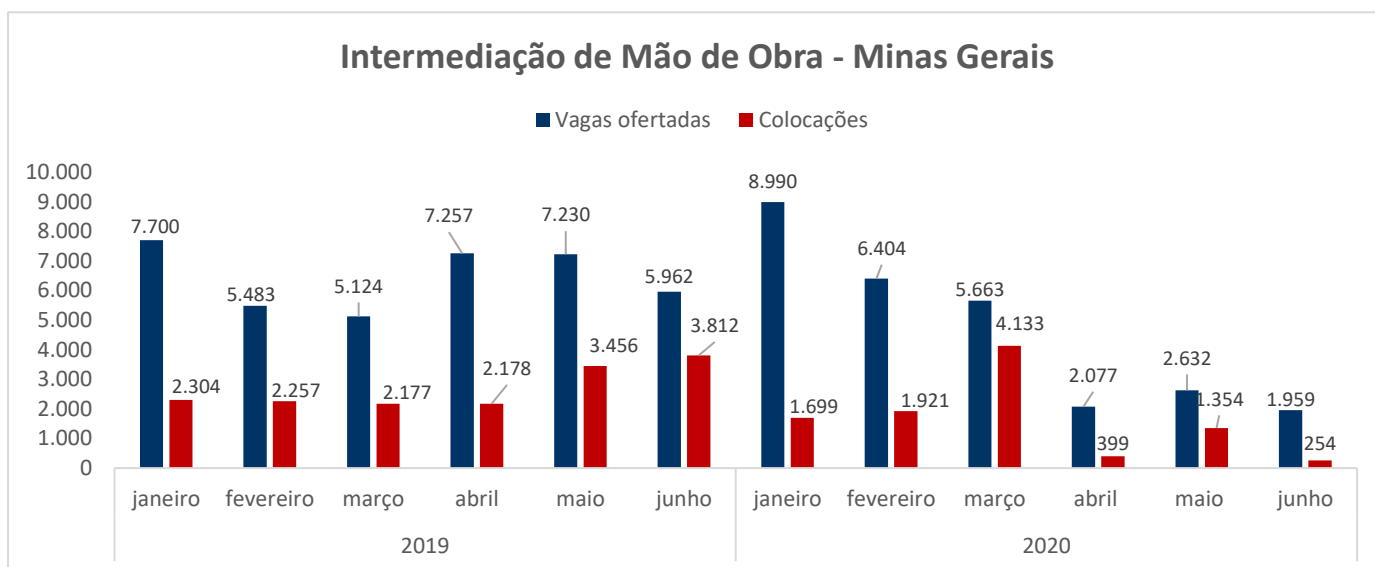
Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

ESTATÍSTICAS DO SINE

Serviços são oferecidos em regime de teletrabalho

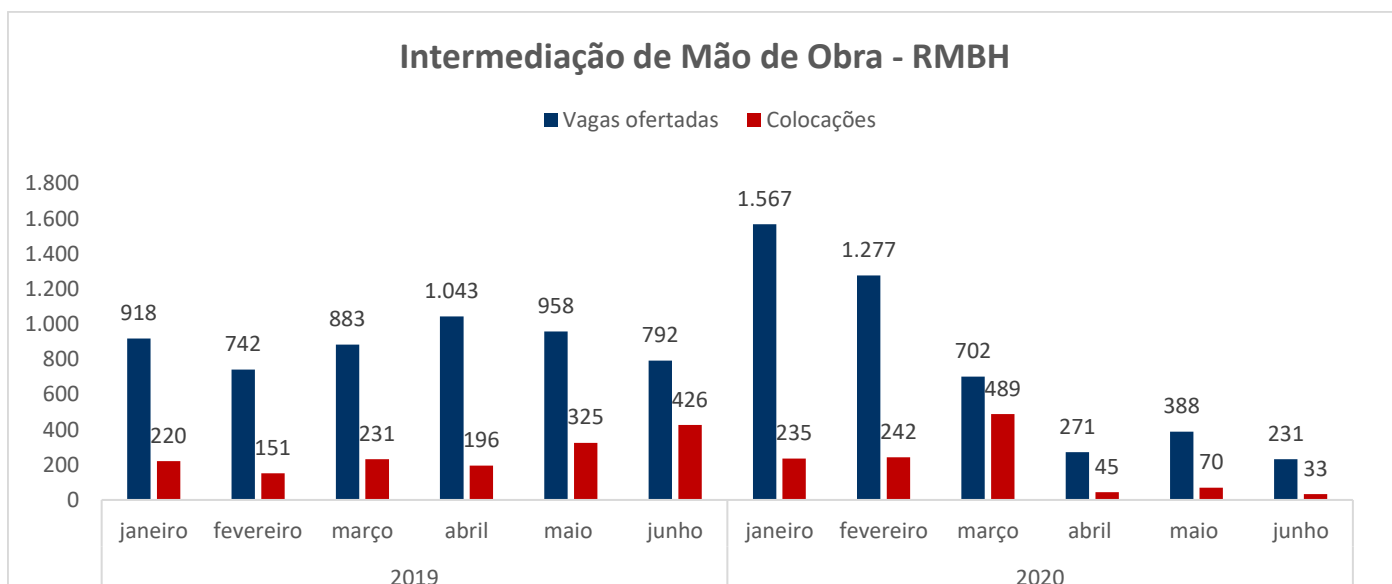
As unidades de atendimento do SINE em Minas Gerais registraram 491.075 atendimentos entre janeiro e junho de 2020 (até 15/06), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados apresentados até maio do presente ano, se analisado o comparativo com o mesmo período de 2019 – mesmo adotando-se o regime de teletrabalho. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de junho computados até o dia 15/junho



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de junho computados até o dia 15/junho

PNAD COVID

Impossibilitados de procurar emprego, desempregados somam o contingente de pessoas fora da força de trabalho

Foram divulgados os primeiros resultados da pesquisa PNAD COVID-19, realizada pelo IBGE, com apoio do Ministério da Saúde, durante o mês de maio. A pesquisa, que é uma versão adaptada da PNAD Contínua, é realizada semanalmente desde a primeira semana de maio e objetiva monitorar as transformações ocorridas no mercado de trabalho brasileiro durante a pandemia e quantificar o total de pessoas com sintomas associados à síndrome gripal.

O IBGE destacou que a taxa de desocupação no país se manteve relativamente estável no mês de maio, mas que é preciso olhar com cuidado este indicador durante a pandemia. Na primeira semana de maio, a taxa de desocupação era de 10,5% e o total de desocupados chegava a 9,8 milhões de pessoas. Na última semana do mês, a taxa de desocupação subiu para 11,4% e o quantitativo de desocupados aumentou em aproximadamente 1 milhão de pessoas, chegando a 10,8 milhões. Apesar da elevação, o IBGE avalia que a taxa se manteve relativamente estável, sobretudo, em razão de uma consequência da pandemia: a dificuldade das pessoas desempregadas em procurar emprego.

Pela metodologia internacional de pesquisas sobre trabalho, seguida pelo IBGE no Brasil, é considerado desocupado quem está sem ocupação, mas tomou alguma providência efetiva para procurar um trabalho. Devido à pandemia, muitas pessoas

que perdem o emprego não conseguem efetivamente procurar um trabalho e com isso deixam de ser consideradas desocupadas, o que “puxa” a taxa de desocupação e o número de desocupados para baixo. A PNAD COVID estimou que até a última semana de maio, existiam 25,7 milhões de pessoas sem emprego, mas que gostariam de trabalhar e que deste total, 17,7 milhões afirmaram não ter procurado emprego por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade.

Diante desse cenário, o IBGE estima que a taxa de desocupação real pode ser de até 30,2%, com 36,6 milhões de brasileiros sem emprego e que gostariam de trabalhar. Estes indicadores são obtidos ao incluir pessoas sem ocupação e que não buscaram trabalho, mas gostariam de estar trabalhando, na categoria de desocupados e, portanto, integrantes da força de trabalho. Semanalmente, será apresentado neste painel um resumo dos principais resultados da PNAD COVID, conforme calendário de divulgação semanal apresentado pelo IBGE, estando previsto já para as próximas semanas a disponibilização dos dados desagregados, o que permitirá uma análise mais detalhada sobre a situação do mercado de trabalho em Minas Gerais.

PIB DE MINAS GERAIS

Impactada pela pandemia, economia mineira apresenta resultados negativos no primeiro trimestre do ano

No dia 15 de junho, a Fundação João Pinheiro (FJP) apresentou os dados analisados do Produto Interno Bruto (PIB) mineiro para o primeiro trimestre de 2020. Os resultados mostram uma piora no desempenho da atividade econômica no estado, também impulsionada pelos impactos da pandemia. Em relação aos primeiros três meses do ano anterior, em termos reais, o PIB gerado no primeiro trimestre de 2020 sofreu uma retração de 0,9% (taxa de variação anualizada). Comparativamente, o PIB Brasileiro, para o primeiro trimestre deste ano, cresceu 0,9% em relação aos primeiros três meses do ano anterior.

Segundo a FJP, o descasamento das taxas anualizadas do PIB Mineiro em relação ao PIB Brasileiro, tomando por base os primeiros trimestres de 2019 e 2020, deve-se, principalmente, aos desdobramentos da descontinuação da produção de minério de ferro e da bienalidade da produção do café, observados a partir do segundo trimestre de 2020 em Minas Gerais. Ainda segundo a FJP, a indústria extrativa mineral sofreu severos impactos com a suspensão temporária de várias minas, ante a necessidade de implementação de medidas de segurança após o rompimento da barragem do Córrego do Feijão, em Brumadinho. Quanto à redução da produção do café, observada em 2019, tal fato está relacionado à baixa produtividade natural do café em anos ímpares.

Sobre os impactos da pandemia no PIB mineiro do primeiro trimestre, a indústria foi o setor mais impactado, enquanto a agropecuária obteve resultados positivos. Em relação ao último trimestre de 2019, a indústria teve queda de 2,6%, mas, se analisado em comparação com o primeiro trimestre de 2019, a queda foi ainda maior - de 6,6%. No primeiro trimestre de 2020, a agropecuária cresceu 6,7% em relação ao último trimestre de 2019 e 10% em relação ao mesmo período do ano anterior.

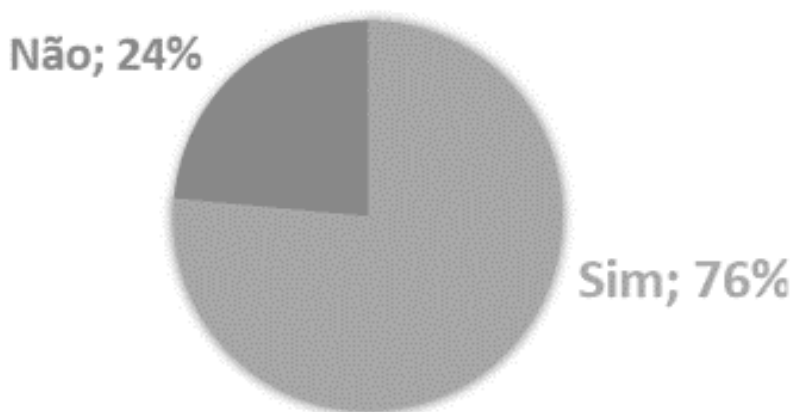
IMPACTOS SOBRE AS STARTUPS

Apesar da dificuldade de acesso a crédito e diminuição das receitas, startups não têm demitido funcionários

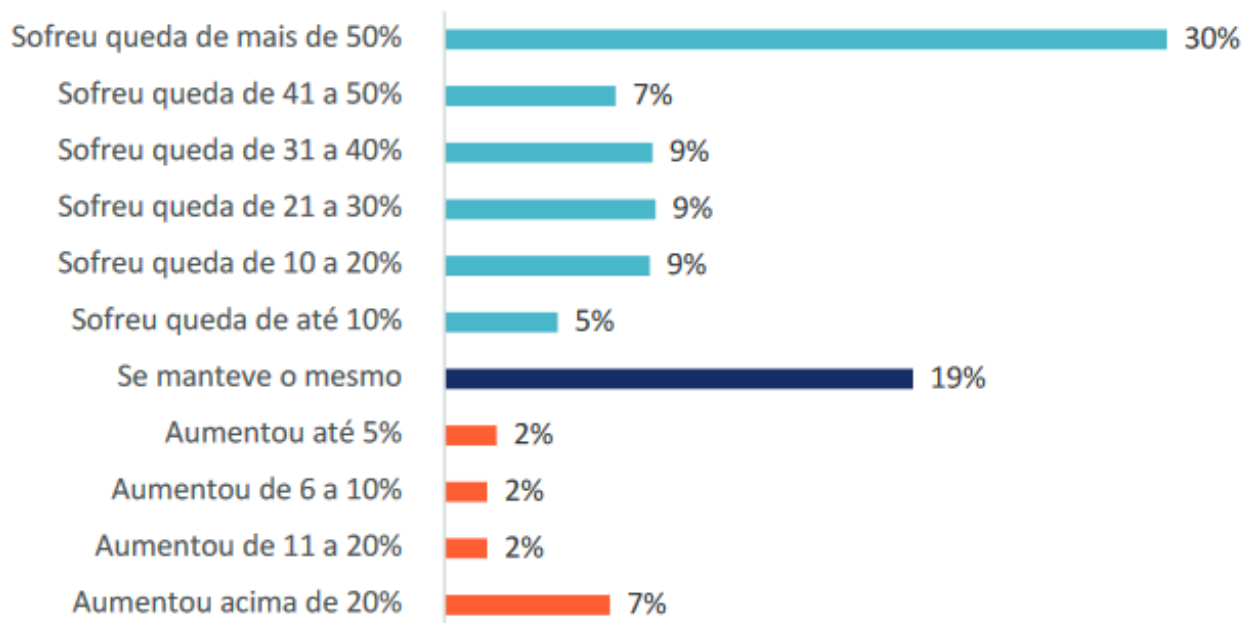
Foi divulgado, no dia 10 de junho, um boletim produzido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em parceria com a Agência Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), que detalha as dificuldades trazidas pelo Coronavírus no contexto organizacional das startups. A amostra participante da pesquisa, feita por meio de canais digitais, é majoritariamente de empreendimentos já estabelecidos, sendo 42% composto por negócios de até 3 anos de funcionamento. As respondentes também possuem atuação diversificada, sendo 14% do ramo Healthtech; e 10% Agritech, Fintech e Editech.

A pesquisa aponta que, para 76% das startups respondentes, a crise provocada pela COVID-19 impactou negativamente os negócios. Dentre os afetados, 68% sofreram queda no faturamento, sendo que, para 30%, a queda no faturamento foi superior a 50%. Essa realidade é ilustrada no gráfico abaixo:

A empresa foi impactada negativamente com a pandemia?



Impacto no faturamento

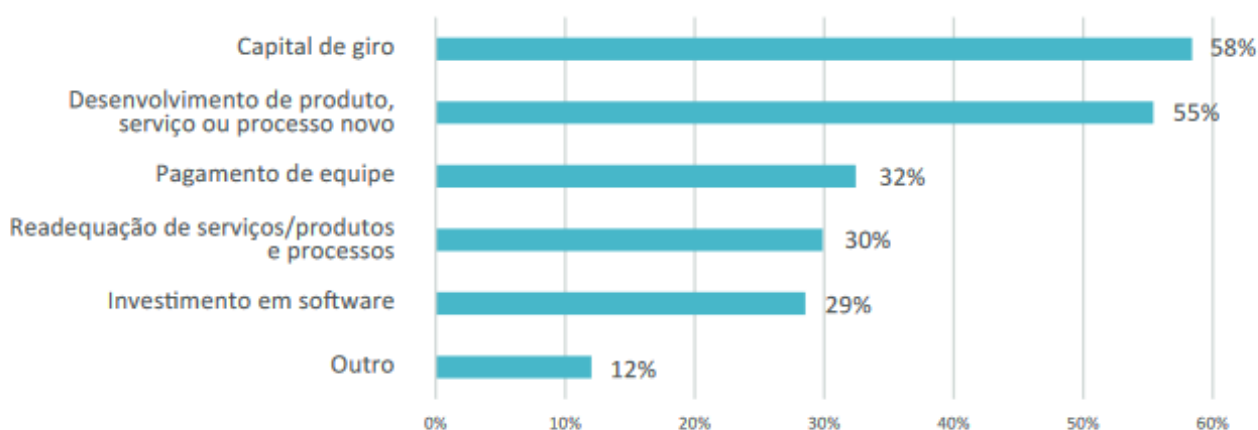


Fonte: [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas \(SEBRAE\)](#)

Em um cenário de tamanha instabilidade financeira, a sobrevivência desses negócios fica seriamente comprometida, o que se evidencia a partir da realidade de que 26% das startups respondentes alegaram possuir caixa suficiente para manter as atividades por um período máximo de 30 dias. Cerca de 30% possuem margem de manutenção um pouco maior, suficiente para arcar com as despesas por, no máximo, 90 dias.

A pesquisa também sinalizou que a dificuldade de acesso a crédito tem sido um entrave significativo para esse segmento, haja vista que 85% das respondentes necessitam desses recursos. Com o aumento da demanda e menor disponibilidade de recursos, as startups se veem comprometidas em termos de capital de giro, desenvolvimento de produtos e pagamento de equipe. O gráfico abaixo exemplifica os principais usos do crédito por esses empreendimentos:

Finalidade de uso do crédito



Fonte: [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas \(SEBRAE\)](#)

Diante da grande demanda por crédito no mercado de startups, 52% já tentaram conseguir esse recurso em instituições financeiras, contudo, desse público que tentou, somente 9% conseguiram e 31% estão aguardando resposta. Dentre as principais razões para a negação de acesso a crédito estão a falta de garantia de pagamento, juros altos, baixo score e queda de faturamento. Mesmo nesse cenário, chama a atenção o fato de que 58% das startups consultadas alegam desconhecer formas de captação alternativa de recursos como, por exemplo, investimento-anjo, capital semente, venture capital, investimento coletivo (crowdfunding), subvenções e editais.

Quanto à capacidade de inovação e adaptação do segmento, destaca-se que 76% das startups não precisaram demitir funcionários, um alento aos trabalhadores do ramo que têm tido seus postos de trabalho preservados, apesar das adversidades de sobrevivência dos empreendimentos. Além disso, ressalta-se que 16% das startups pesquisadas tiveram oportunidade de contratar mais funcionários recentemente, demonstrando um possível nicho de contratação que tem atravessado as consequências da pandemia.

EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

Fechamento de postos de trabalho tende a estimular o crescimento de “empreendedores por necessidade”

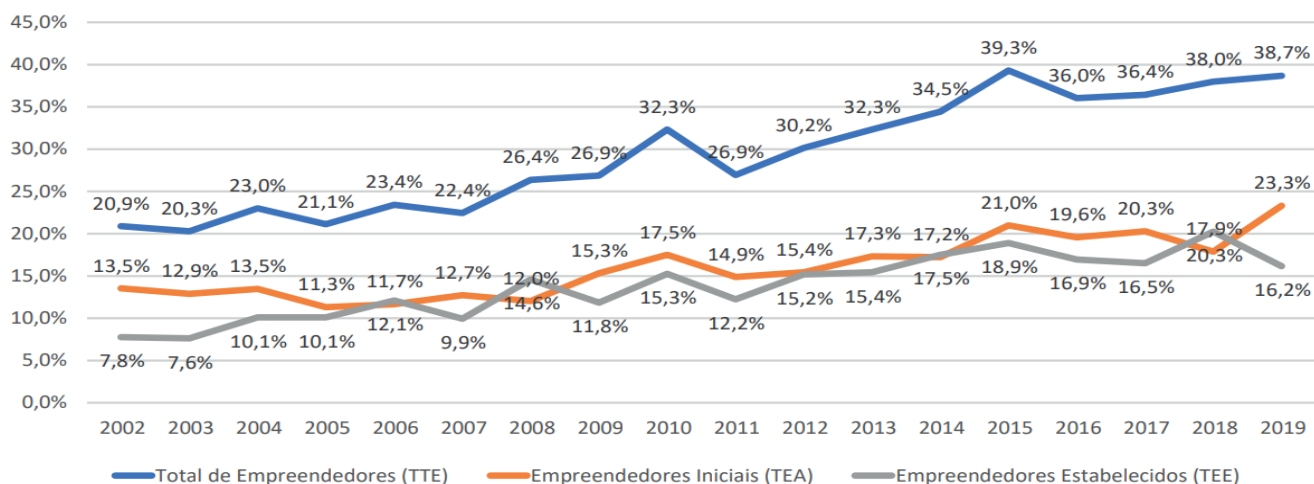
O Global Entrepreneurship Monitor (GEM) é a principal pesquisa sobre empreendedorismo no mundo e é realizada no Brasil anualmente. Os resultados mais recentes da pesquisa no país, mostram que o percentual da população adulta a frente de um negócio (formal ou informal) em até 3,5 anos ou que realizou recentemente alguma ação visando ter um negócio no futuro, aumentou significativamente ao longo das últimas décadas. Essa parcela da população, conforme metodologia do GEM, compõe a chamada TEA que, em português, significa Taxa de Empreendedorismo Inicial, uma espécie de indicador de “porta de entrada do empreendedorismo”. A análise histórica dos resultados para a TEA indica um crescimento consistente do empreendedorismo inicial no Brasil, atingindo em 2019 o resultado mais elevado: 23,3% da população adulta.

A GEM também considera que a TEA pode ser influenciada pelo desempenho econômico de cada país. Por exemplo, em tempos de recessão ou baixo crescimento da

economia, é comum que mais pessoas busquem o empreendedorismo como forma de obtenção de renda ante a falta de oportunidade de trabalho. Este grupo também faz parte da TEA, mas é classificado como “empreendedores por necessidade”.

Por outro lado, em períodos de maior crescimento econômico e geração de renda, a proporção de “empreendedores por oportunidade” na TEA, isto é, pessoas que começam a empreender por acreditarem que encontraram um negócio com chances de sucesso, aumenta. Os dois tipos de empreendedores que integram a TEA (por necessidade e por oportunidade) crescem em momentos diferentes, conforme o desempenho econômico do país.

Outro indicador que merece destaque é a TEE, que em português significa Taxa de Empreendedores Estabelecidos. A TEE indica o percentual da população adulta que tem um negócio (formal ou informal) há mais de 3,5 anos. O gráfico abaixo ilustra a evolução dos indicadores ao longo do tempo:



Fonte: Global Entrepreneurship Monitor (GEM)

A Taxa Total de Empreendedores (TTE), que compreende a soma da TEA mais a TEE quase dobrou entre 2002 e 2019. No início da série histórica em 2002, ela representava 20,9% da população, mas, em 2019, saltou para 38,7%, um crescimento de, aproximadamente 85%. Além disso, o gráfico indica que o aumento do empreendedorismo no Brasil não se deve apenas aos momentos de crise ou maior crescimento econômico, uma vez que tem sido observado um crescimento estável ao longo dos anos. Atualmente o Brasil possui a 4ª maior TEA e a 2ª maior TEE, dentre os 55 países analisados pela GEM.

Tendo em vista a pandemia de COVID-19 e seus fortes impactos negativos no mercado de trabalho, é esperado um aumento substancial da TEA, impulsionado pelo aumento do número de empreendedores por necessidade, composto predominantemente por jovens, mulheres e pessoas negras. Os negócios iniciados por esses subgrupos, devido à falta de preparo dos empreendedores, possuem chances menores de sobrevivência, o que aumentará a necessidade de capacitação nos próximos meses, indica o estudo.

PESQUISA MENSAL DE SERVIÇOS

Todos os segmentos do setor de serviços sofrem maior queda histórica devido aos efeitos da pandemia

A Pesquisa Mensal de Serviços – PMS, desenvolvida pelo IBGE, tem por objetivo principal produzir indicadores que permitam o acompanhamento da evolução conjuntural do setor de serviços empresariais não-financeiros e de seus principais segmentos. Dados referentes ao mês de abril mostram que o setor de serviços recuou 11,7%, na comparação com março, ainda sob forte influência das medidas de distanciamento social para conter o contágio da COVID-19. Esse é o terceiro recuo consecutivo e o mais intenso da série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços evidenciam que, nestes três meses de retração, o setor acumula uma perda de 18,7%. Desde fevereiro, o setor já apresentava queda, de caráter conjuntural, mas, em março e abril, se percebem os efeitos da pandemia, haja vista a perda acumulada de 17,9%, o que coloca o volume de serviços para um patamar 27% abaixo do ponto mais alto da série, em novembro de 2014.

Todas as cinco atividades investigadas tiveram quedas recordes, com destaque para transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-17,8%) e serviços prestados às famílias (-44,1%). Considerando os meses de março e abril, esses dois setores acumulam quedas de 24,9% e 61,6%, respectivamente. Nas outras atividades, as retrações foram de 8,6% em serviços profissionais, administrativos e complementares, 3,6% em informação e comunicação e 7,4% em outros serviços. Segundo Rodrigo Lobo, gerente responsável pela pesquisa, a perda de receita em hotéis e restaurantes se aprofundou no mês de abril, mas, apesar de a queda nos serviços prestados às famílias ter apresentado maior magnitude, foi o setor de transportes que mais impactou negativamente em abril, devido ao seu peso na pesquisa.